



A CIDADE NOS CONTOS DE MACHADO DE ASSIS

RIO DE JANEIRO IN THE SHORT FICTION
OF MACHADO DE ASSIS

Paulo Moreira*

* paulo.moreira@ou.edu
Professor Associado do Department of Modern Languages,
Literatures and Linguistics da University of Oklahoma.

RESUMO: O artigo busca propor uma forma de expandir a leitura dos contos de Machado de Assis a partir das referências com as quais ele cria um cosmos literário complexo e rico de níveis de significado. Toma-se como exemplo dessa prática de leitura uma análise do conto "Pai contra mãe".

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; Contos; Rio de Janeiro; Pai contra mãe; Literatura Brasileira; Literatura Latino-Americana.

ABSTRACT: This article proposes an approach to Machado de Assis's short fiction that takes its references to specific places and time periods in Rio de Janeiro as a starting point for an investigation into how Machado de Assis builds a complex multi-layered literary cosmos in his oeuvre. As an example of this practice, we analyze in this manner the short story "Father Versus Mother."

KEYWORDS: Machado de Assis; Short Fiction; Rio de Janeiro; Father Versus Mother; Brazilian Literature; Latin American Literature.

Em crônica publicada no jornal *A Semana* no dia 20 de agosto de 1893, Machado de Assis fez um interessante comentário sobre a tendência dominante entre escritores estrangeiros que escreviam sobre o Rio de Janeiro e o Brasil de enfatizar as maravilhas do cenário natural, exótico para eles:

O meu sentimento nativista, ou como quer que lhe chamem, – patriotismo é mais vasto, – sempre se doeu desta adoração da natureza. Raro falam de nós mesmos: alguns mal, poucos bem. No que todos estão de acordo, é no *pays féerique*. Pareceu-me sempre um modo de pisar o homem e as suas obras. Quando me louvam a casaca, louvam-me antes a mim que ao alfaiate. Ao menos, é o sentimento com que fico; a casaca é minha; se não a fiz, mandei fazê-la. Mas eu não fiz, nem mandei fazer o céu e as montanhas, as matas e os rios. Já os achei prontos, e não nego que sejam admiráveis; mas há outras coisas que ver.¹

Enquanto a natureza tropical monopolizava a atenção desses visitantes estrangeiros – Machado de Assis cita em francês comentário de Sarah Bernhardt sobre o país “de encanto” – nosso autor preferia chamar a atenção para “o homem e suas obras.” Ao contrário de muitos dos seus contemporâneos brasileiros, o ambiente natural não era para Machado de Assis o campo preferencial de expressão do tal “sentimento nativista”, reiteração mais modesta do

instinto de nacionalidade que havia sido tema de ensaio famoso de vinte anos antes.² Interessa mais a Machado de Assis o drama humano que se desenrolava entre os moradores da cidade e o resultado, às vezes gravado em pedra e depois apagado, nas ruas do Rio de Janeiro.

De fato, boa parte da obra de Machado de Assis se debruça sobre a vida na cidade do Rio de Janeiro, especialmente entre finais do século XVII e o XIX. Nos contos essa predileção torna-se particularmente evidente em um sistema de comunicação sucinto que o autor cria para os seus leitores da época. Bairros, ruas e edifícios e anos específicos ou eventos históricos marcantes apresentam-se laconicamente, meramente citados, compartilhando informação referencial que seus leitores podiam reconhecer mais ou menos instantaneamente.

Um breve exemplo desse sistema é o conto “A Causa Secreta”, publicado pela primeira vez em jornal em 1885 e depois no livro *Várias histórias*. O narrador do conto menciona os anos 1860 e 1861 (MACHADO DE ASSIS, 1896, p. 118) como a época em que se desenrola a trama. Os leitores da época sabiam – era então história recente – que aqueles tinham sido anos de aumento no investimento interno após a interrupção do tráfico de escravos que comprometia boa parte do dinheiro de capitalistas

1. As crônicas que Machado de Assis escreveu para *A semana* estão disponíveis online como parte do projeto *Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos*: < https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/busca/%22machado+de+assis%22&forma_busca=2 >.

2. Refiro-me aqui ao ensaio “Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade” publicado em 1873 em *O Novo Mundo*, jornal brasileiro impresso em Nova Iorque que contava com Sousândrade entre seus colaboradores mais assíduos. Nele Machado de Assis fala de exigir do escritor brasileiro consciente de sua identidade não mais que “certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”. Para uma releitura do ensaio dentro do contexto continental daquela publicação, ver BRUNE, 2020.

como Fortunato. Era tempo de abertura de novos negócios como a clínica que este oferece abrir com o médico recém-formado Garcia para satisfazer seu desejo de voyeur sádico que deseja presenciar o sofrimento físico dos outros.³ Diferentes locais do Rio de Janeiro são citados com a mesma concisão e têm o mesmo efeito informativo. O narrador nos informa que o primeiro apartamento de Garcia ficava na “Rua Dom Manoel” (MACHADO DE ASSIS, 1896, p. 118) – a suspeita proximidade do porto indicava que o estudante de medicina não era homem de posses. Os dois personagens se encontram fortuitamente no “Teatro de São Januário” (MACHADO DE ASSIS, 1896, p. 118), perto da casa de Garcia, mas distante dos outros palcos mais prestigiosos da cidade. Sua audiência assistia a peças menos prestigiosas como aquele “dramalhão, cosido a facas, ouriçado de imprecações e remorsos” (MACHADO DE ASSIS, 1896, p. 119) a que os dois assistem. Fortunato busca essas partes da cidade à noite para saciar seus apetites sádicos, espancando cachorros com sua bengala enquanto caminha à noite pela rua São José. Depois da sua formatura, Garcia se muda para casa “[n]a rua de Matacavalos, perto da Rua do Conde” (MACHADO DE ASSIS, 1896, p. 125),⁴ o que já aponta uma melhora na sua situação econômica/social e uma certa aproximação física de Fortunato e esposa, que vivem mais além no Catumbi (MACHADO DE ASSIS,

1896, p. 121), então um recém-criado subúrbio com casas e terrenos bem mais espaçosos.⁵

Tais referências, talvez obscuras para nós, eram bastante claras para os contemporâneos do autor. Podemos mesmo dizer que o palimpsesto a que se referia Luiz Costa Lima em sua análise de “O alienista” trabalharia aqui num sentido oposto, exigindo nosso esforço crítico para compreender uma camada de significado facilmente compreendida pelos leitores contemporâneos de Machado Assis.⁶ Quem naquela época não reconheceria prontamente o sobrenome *Valongo* do protagonista/narrador de “O enfermeiro” (MACHADO DE ASSIS, 1896, p. 169-189)? O coronel que contrata o protagonista (homem dotado de formação e desprovido de capital) se surpreende com o sobrenome e julga ter ouvido *Colombo*. O protagonista repete seu sobrenome de fato e o velho senhor de escravos mal-humorado reage com indignação pois “achou que não era nome de gente” (MACHADO DE ASSIS, 1896, p. 172) e decide chamá-lo apenas de Procópio. Nem o coronel, nem os primeiros leitores do conto deixariam de reconhecer no sobrenome pouco usual o nome do cais por onde os escravos chegavam ao Rio de Janeiro, soterrado em 1843 pelo “Cais da Princesa”, por sua vez soterrado em 1920 com o entulho do Morro do Castelo, e recentemente desenterrado pelo “Porto Maravilha”.⁷

3. Machado de Assis sugere aqui uma simetria perversa: o capital antes ocupado com o tráfico, exercício de sadismo social em larga escala, financia agora a satisfação estética do sadismo de Fortunato. Discuto esse conto em detalhe em “Machado de Assis and the Secret Heart of Literature” (MOREIRA, 2016). Para mais informação sobre a economia na década de 1860, ver “A economia brasileira no Império, 1822-1889” (ABREU; LAGO, 2010).

4. Rua de Matacavalos era caminho de ida para os subúrbios através da Lapa e foi rebatizada Riachuelo – famosa batalha da Guerra com o Paraguai – em 1865. Rua do Conde foi rebatizada Frei Caneca após a proclamação da República, em 1889. Ver *Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro – Terras e Fatos*, de Aureliano Restier Gonçalves (2004), volume reeditado em 2004 para comemorar o aniversário de 110 anos dos arquivos da cidade.

5. Aureliano Restier Gonçalves (2004, p. 292) descreve o Catumbi de então como “núcleo de famílias nobres e ricas”.

6. Para a leitura de Machado de Assis feita por Costa Lima (marcada por indisfarçável condescendência para com o público leitor contemporâneo do autor), ver “O palimpsesto de Itaguaí” em *Pensando nos Trópicos* (1991, p. 253-265).

7. É apenas mais um lance de ironia que o grande projeto de modernização do centro do Rio de Janeiro no século XXI se chame *Porto Maravilha* e acabe tendo de incluir em seu escopo marcos históricos como o cais e o cemitério do Valongo.

Nessas referências há mais do que simples documentos sobre o Rio de Janeiro do século XIX. À medida que vão se repetindo os anos, eventos importantes e espaços da cidade, vão-se criando redes de contatos: entre contos, crônicas e romances, entre estes e a biografia do autor e entre a ficção e a própria cidade que lhe serve de palco. Seriam Fortunato e sua mulher vizinhos de Brás Cubas, que morreu em sua “bela chácara de Catumbi” (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*; MACHADO DE ASSIS, 2012, p. 9) poucos anos mais tarde, em 1869? Estaria Fortunato subindo a Rua São José no mesmo momento em que Cândido arrastava a escrava Arminda na direção oposta em “Pai contra mãe” (*Relíquias da casa velha*; MACHADO DE ASSIS, 1906, p. 3-17)? E embaralhando vida e ficção, poderia Procópio Valongo ter trombado com o próprio jovem Machado de Assis na Igreja do Santíssimo Sacramento, tendo os dois encomendado missas em homenagem a seus patrocinadores, respectivamente o Coronel Felisberto e o escritor Manuel Antônio de Almeida, na mesma época?

Quero propor aqui uma estratégia de leitura para lidar com essa camada textual tão rica de significado, investigando essas referências geográficas e históricas para criar novas possibilidades de compreensão da obra de Machado de Assis. Essa investigação se ramifica em quatro direções principais: (1) na história das partes da cidade aludidas no

texto no marco temporal indicado pelos contos e do significado que essas referências trazem implicitamente; (2) na possível relação entre esses locais e a vida do próprio autor, toda vivida na cidade; (3) na relação entre esses locais no tempo da ação do conto e no momento em que o conto é escrito ou publicado; e (4) na relação que esses locais e momentos da vida da cidade formam entre diversos textos da obra de Machado de Assis.

Para fazer essa investigação é importante levantar as referências espaciais e temporais nos contos tendo em mente uma cidade em constante mudança. Servi-me de fontes típicas de um trabalho de investigação história, mas também de certo corpus de informação que só o estágio atual de desenvolvimento tecnológico torna mais acessível. De particular importância foram o atlas diacrônico ilustrado da cidade do Rio de Janeiro elaborado pela *Humanities Research Center* da *Rice University*⁸ e, além do já citado acervo da *Biblioteca Digital de Literatura de Países Lusófonos*, a *Coleção Digital Machado de Assis*, parceria entre o Portal Domínio Público – a biblioteca digital do MEC – e o Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL), da Universidade Federal de Santa Catarina (todos disponíveis online).⁹

Para dar aqui um exemplo mais concreto das possibilidades dessa abordagem, escolhi centrar a atenção em “Pai

8. O projeto, chamado *imagineRio: An Illustrated Diachronic Atlas of Rio de Janeiro's Social and Urban Evolution*, criado pelos professores Farès el-Dahdah e Alida Metcalf, está acessível em < <https://hrc.rice.edu/imagerio> >.

9. Este acervo está disponível em < <http://machado.mec.gov.br/#obraCompleta> >.

Cândido Neves toma a rua da Guarda Velha com seu filho recém-nascido nos braços em direção à Rua dos Barbonos que leva até à Roda dos Enjeitados. A Roda dos Enjeitados ou dos Expostos estava naqueles lados desde 1840.¹⁰ Para prolongar seu trajeto e adiar a separação do filho querido, Cândido vira à esquerda num beco e volta à Rua da Ajuda, onde estivera naquela manhã procurando por Arminda, uma escrava fugida. Quando vai dobrar à direita na rua da Ajuda em direção à Roda, Cândido avista Arminda na direção oposta. Ainda na rua da Ajuda, ele entrega seu bebê aos cuidados de um farmacêutico e sobe aquela rua até o encontro dela com a rua do Parto e rua São José, onde Cândido captura a escrava. Da rua São José, Cândido arrasta a escrava desesperada até a rua dos Ourives e percorre seis quarteirões dessa rua até a rua da Alfândega, onde entrega a escrava ao seu senhor e onde Arminda aborta por causa da luta corporal e do estresse.

Vamos agora refazer passo a passo esse trajeto, levantando em cada ponto suas significações referenciais nos quatro níveis propostos. A Rua da Guarda era assim chamada desde o século XVIII por ter abrigado a primeira guarda de polícia que vigiava o chafariz do Largo da Carioca, ponto de encontro dos escravos de ganho que transportavam água para os domicílios da cidade¹¹ – o

adjetivo “velha” é acrescido a partir do momento em que outras guardas são criadas na cidade a partir da chegada da família real – uma delas justamente no lugar do Convento dos Barbonos. Seu nome, portanto, aludia a uma instituição de controle da distribuição de água e da ordem escravista, que evitava “distúrbios, principalmente entre os escravos de ganho” (GONÇALVES, 2004, p. 138).¹² Essa rua da Guarda Velha é renomeada em 1895 como rua 13 de maio (referência à abolição da escravidão que acontecera havia apenas 7 anos) e é truncada a partir das reformas urbanas de Pereira Passos em 1905. Machado de Assis conheceu a Rua da Guarda Velha intimamente, pois ali estava o local do seu primeiro emprego, a Gráfica Nacional, onde ele trabalhou como tipógrafo sob direção de Manuel Antônio de Almeida seguindo os passos do mulato literato Paula Britto – aliás a mesmíssima profissão que se oferece a Cândido como jovem livre (e pobre), mas na qual o protagonista do conto, ao contrário do seu autor, não persevera.

A Rua da Guarda Velha também conecta “Pai contra mãe” a dois outros contos de Machado de Assis: o menos conhecido “O capitão Mendonça” (1870) e o muito famoso “A cartomante” (1884). “O capitão Mendonça” nos transporta aos tempos de D. Pedro I, quando o *Theatro Constitucional* ainda se chamava *Imperial Theatro de S.*

10. Em 1852, tinha sido instalada na rua da Lapa, 46, numa casa “mal dividida, úmida e em lugar de muito pó” (AZEVEDO, 1877, p. 48) e depois ao lado do antigo convento dos capuchinos (os barbonos ou barbudos) que davam nome à rua. A roda era vista como instrumento de combate ao infanticídio e uma forma de “encobrir filhos bastardos” e “preservar a honra de moças e mulheres de família” (NASCIMENTO, 2006, p. 162). Para a história da Roda dos Expostos no Rio de Janeiro, ver livro de Manuel Duarte Moreira de Azevedo, *Rio de Janeiro, Sua História, Monumentos, Homens Notáveis, Usos e Curiosidades* (1877, p. 375-379).

11. O largo e adjacências também serviu de palco aos violentos conflitos de rua da chamada Revolta da Vacina no final de 1904. O centro da revolta, entretanto, foi nos bairros da Saúde e Gamboa, próximos do porto.

12. A sede da polícia (que ainda existe até hoje) foi construída mais tarde justamente na rua dos Barbonos, onde se localizava o convento dos capuchinos que dera nome àquela rua. Sem o convento, a rua acabou sendo renomeada Evaristo da Veiga, político de envergadura no primeiro reinado e no período regencial e patrono da cadeira 10 da ABL, já que ele vivia em casa na rua dos Barbonos e lá morreu em 1837.

Pedro de Alcântara. O protagonista Amaral chega à Rua da Guarda Velha sem perceber:

- Vamos entrar, disse Mendonça.
- Que rua é esta? perguntei eu.
- Pois não sabe? Oh! como anda com a cabeça a juro! Esta é a Rua da Guarda Velha.
- Ah!

Ali Amaral vive uma aventura fantasmagórica/onírica digna de um conto de E.T.A Hoffmann (citado aliás no conto). No apartamento da rua da Guarda Velha ele encontra Augusta, uma espécie de Olympia carioca, “filha da ciência e da vontade do homem”, que de repente arranca seus “belos olhos verdes” do rosto e os oferece a Amaral. Amaral ainda assim se apaixona e Augusta se dispõe a casar-se com ele desde que ele se deixe injetar éter no cérebro pelo seu pai, o capitão do título. Anos mais tarde, “numa sexta-feira de novembro de 1869,” Camilo, protagonista de “A cartomante”, na volta de um encontro furtivo com sua amante casada justamente na Rua dos Barbonos, se consulta bem ali “quase no fim da Rua da Guarda Velha” com “uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos.” O sonho fantasmagórico de Amaral no primeiro conto transforma-se no segundo conto em amarga ilusão para o jovem Camilo,

amante, cético e sem convicção que se empolga “com as unhas de ferro” do mistério – quando estas parecem se acomodar a seus desejos – até o duro encontro com a realidade e a morte no fim do conto.

Os dois contos, de maneira discreta mais incontestável, se ligam a “Pai contra mãe” através da rua da Guarda Velha. Ali Amaral chega por acidente e literalmente quase perde a cabeça; ali também Cândido “afrouxa o passo” e começa a perder sua determinação em entregar seu recém nascido à roda dos enfeitados; e ali Camilo se atranca com um acidente de trânsito e se deixa encantar pelas lorotas da cartomante. O universo onírico e fantástico de “O capitão Mendonça”, onde o medo da ciência e o desejo sexual se misturam, se transforma em uma farsa para crentes incautos em “A cartomante” – entre os dois contos, marcando a transição entre a fantasia e o ceticismo, Cândido se bate em “Pai contra mãe” entre ilusões e esperanças e a dura realidade da paternidade impossibilitada pela miséria.

Da Rua da Guarda Velha seguimos até a Rua da Ajuda, cujo nome remete a outra instituição marcante do Rio de Janeiro colonial e imperial: a igreja e o convento da Nossa Senhora da Ajuda – devoção especificamente portuguesa. O confinamento de mulheres portuguesas, enviuvadas,

13. Além de “Pai contra mãe” e *Quincas Borba*, são pelo menos cinco textos narrativos em que a rua da Ajuda aparece: “Quem não quer ser lobo...” (*Jornal das Famílias*, 1872) – onde o protagonista mora na Rua da Ajuda e acha uma carteira na saída de uma “ceia de carnaval” exatamente na confluência da Rua da Ajuda, Rua do Parto, Rua São José e Ourives; “O astrólogo” (*Jornal das Famílias*, 1876) – onde a amante mineira do juiz de fora é espionada pelo protagonista, um curioso almotacé ainda no período colonial; “A melhor das noivas” (*Jornal das Famílias*, 1877) – onde o velho rico João Barbosa surpreende ao decidir se casar com uma jovem; uma crônica nostálgica sobre as inconstâncias do coração na juventude, “Vinte anos! Vinte anos!” (*A Estação*, 1884); e um maravilhoso conto da série centrada nas tramas amorosas envolvendo viúvas chamado “A senhora do Galvão” (*Gazeta de Notícias* e depois *Historias sem data*, ambos de 1884). Note-se que os cinco outros textos se ligam tematicamente e podem também dialogar com *Quincas Borba*.

refugiadas de um casamento malfeito ou jovens sem pretendentes adequados à vista foi motivo para a criação do convento no século XVII, próximo à capela que já existia. Nem as famosas compotas e marmeladas feitas no convento, nem o prestígio de ter sido o local onde estavam os restos da rainha Dona Maria, da imperatriz Leopoldina e da sua filha Paula Mariana salvaram o convento e a igreja da Ajuda da sanha de modernização da cidade no começo do século XX. Em 1905 a Avenida Central obliterou a rua da Ajuda e, em 1911, a praça Floriano Peixoto (mais conhecida hoje em dia como *Cinelândia*) tomou o lugar do convento barroco demolido. Estamos outra vez numa rua que o autor conhecia intimamente: no segundo andar do número 55 da rua da Ajuda o jovem Machado de Assis exerceu, a partir de 1862, a função de bibliotecário da *Sociedade Arcádia Brasileira*.

Na Rua da Ajuda, Cândido perambula primeiro buscando informações sobre Arminda; mais tarde ele deixa seu filho recém-nascido aos cuidados de um farmacêutico e sai em perseguição à Arminda. O mesmo local reaparece na ficção de Machado de Assis inúmeras vezes,¹³ mas vou concentrar-me aqui em dois momentos significativos de *Quincas Borba*, que se passa no final da década de 1860. Pouco mais de 10 anos depois do encontro/embate entre Cândido e Arminda, Rubião salva, em um impulso,

uma “criança de três ou quatro anos que atravessava a rua” (MACHADO DE ASSIS, 1891, p. 133) de um atropelamento, ferindo sua mão. Tratado com gratidão atônita pelos pais do menino Deolindo – comerciantes no local (assim como o farmacêutico que entrega Arminda e cuida do filho de Cândido) – Rubião se torna depois herói de papel por um jornal interessado no dinheiro do herdeiro. A vaidade de Rubião vai aos poucos se encantando com a transformação daquele impulso em coragem heroica e destemida no espelho distorcido da imprensa. *Quincas Borba* nos apresenta um contraste impressionante quando, tempos depois, já tomado pela loucura, Rubião passa pelo mesmo trecho da rua da Ajuda e encontra o mesmo menino (MACHADO DE ASSIS, 1891, p. 408). Agora Deolindo quer por força se juntar à turba de moleques que atormenta o Rubião louco que anda falando sozinho pela rua. A mãe do menino mal consegue impedir que o menino se junte à turba e não é capaz de uma palavra de reconhecimento ao herói de antes. Com “Pai contra mãe” Machado de Assis completa, portanto, o quadro ficcional da Rua da Ajuda como palco de atos públicos de solidariedade, covardia, carinho e crueldade entre desconhecidos e crianças num Rio de Janeiro apagado pelo progresso.

Seguimos agora até o entroncamento da Rua S. José com Rua da Ajuda, Rua do Parto e Rua dos Ourives, local

14. Joaquim Manuel de Macedo dedica um capítulo de *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro* à capela do século XVI e ao recolhimento construído no século seguinte (MACEDO, 2005, 371) e descreve o recolhimento como “asilo de mulheres não virgens que, deixando a perversidade do século, fossem ali reformar os costumes repreensíveis, trocando-os por santo e regular comportamento” (MACEDO, 2005, p. 375), embora ele próprio diga que havia voluntárias no recolhimento e vítimas de abusos, transformando-se em “uma espécie de cadeia que fazia medo” (MACEDO, 2005, p. 377-427) e “arma de prepotência e de disciplina doméstica para os homens” (MACEDO, 2005, p. 379). Duas pinturas do mestre Leandro Joaquim retratam o incêndio que destruiu o prédio em 1789 e a reconstrução dirigida pelo Mestre Valentim. Macedo cria um movimentado melodrama para supostamente elucidar a autoria do incêndio. O “Recolhimento” foi desativado e as recolhidas transferidas para a Santa Casa da Misericórdia em 1812.

15. Para uma revisão de todos os registros fotográficos de Machado de Assis, ver “Iconografia fotográfica de Machado de Assis” de Felipe Pereira Rissato (2016).

onde Cândido interpela e agarra Arminda em “Pai contra mãe”. Uma das primeiras ruas da cidade, a Rua São José ainda mantém o mesmo traçado inalterado e ainda abriga a igreja que de mesmo nome, construída no século XIX onde havia uma ermida desde 1608. Ali na esquina de S. José e Ourives ficava a Igreja da Nossa Senhora do Parto e o “Recolhimento de mulheres sem voto” (MACEDO, 2005, p. 372) – uma espécie de asilo para mulheres renegadas por pais, maridos ou família.¹⁴ No estúdio de Marc Ferrez na Rua S. José, 96 Machado de Assis posou para o seu “mais expressivo retrato” (TURAZZI, 2014, p. 20), capa do segundo fascículo da *Galeria Contemporânea do Brasil* publicado em 1884 com perfil biográfico de Arthur Barreiro:¹⁵



Figura 2 – Retrato de Machado de Assis em 1884

A Rua S. José, particularmente neste ponto e nas horas mortas da noite, é lugar de encontros furtivos e violentos na obra de Machado de Assis.¹⁶ No mesmo entroncamento onde se encontram Cândido e Arminda na saída do último baile de carnaval de 1863, Coelho – o aspirante a golpista que termina duplamente golpeado em “Quem não quer ser lobo...”¹⁷ – encontra uma carteira abandonada no chão, fato que dispara a ação do conto publicado em 1872. Em “A causa secreta”, a Rua S. José é percorrida na direção oposta por Fortunato (seguido à distância por um curioso Garcia): “Ia devagar, cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando” (p. 119).

A Rua dos Ourives (atual Miguel Couto) ligava a rua S. José até o Aljube, e era centro comercial importante e diversificado. A Avenida Central seccionou essa rua querida de Machado de Assis em 1905. Bem no ponto em que a Avenida Central desmantelou a rua dos Ourives está a Igreja de Nossa Senhora da Conceição e da Boa Morte, construída por uma irmandade de pardos e sobrevivente da reforma de 1904, ostentando ainda hoje o portal do Mestre Valentim. Entre 1848 e 1904 funcionava no número 17 dessa rua a Livraria e Tipografia H. Lombaerts, que publicou, entre outros, a tal *Galeria Contemporânea*

16. A Rua S. José também aparece brevemente em *Quincas Borba*, nas confusas memórias do velho Major Siqueira (p. 65-66). Logo no começo de *Esau e Jacó* (p. 2-5), quando Natividade e Perpétua resolvem consultar uma cabocla vidente no Morro do Castelo e deixam seu coupé na Rua S. José. Ali Natividade presenteia Nóbrega – então um mendigo – com uma exorbitante esmola de dois-mil réis. Os três personagens voltam à rua e à igreja em busca de reviver e refletir sobre o passado.

17. Machado de Assis deixa incompleta no título a frase “quem não quer ser lobo não lhe veste a pele”, usada para advertir aqueles que se metem em situações arriscadas sobre a probabilidade de terminarem sofrendo consequências desagradáveis. Coelho quer ser lobo entre perspectivas de aplicar um golpe do baú ou exercer algum tipo de chantagem, mas termina duplamente envolvido por aqueles que ele pensa serem suas vítimas. O conto, não muito conhecido, é dos melhores da verve mais abertamente humorística do autor.

18. O endereço era até local de encontro para admiradores que queriam ver seu ídolo literário. Em suas memórias, Belmiro Braga se recorda que “chegando ao Rio, eu ia, às tardes, para essa livraria e ali ficava a comprar lápis e outras miudezas até que ele chegasse. Duvido que o mais apaixonado dos namorados aguardasse o seu amor com a impaciência e o embaraço com que eu aguardava Machado de Assis” (GUIMARÃES FILHO, 1974, p. 25)
19. Dos mais memoráveis são certamente dois momentos contrastantes do caso de Brás Cubas e Marcela. Na Rua dos Ourives o jovem Brás Cubas compra “a melhor jóia da cidade” (p. 57) na tentativa de prolongar seu relacionamento com a espanhola. Muito tempo depois, Brás Cubas vai consertar a lente quebrada de seu relógio e entra “na primeira loja que tinha à mão; era um cubículo – pouco mais – empoeirado e escuro”, lá encontrando uma precocemente decrépita Marcela consumida pela variola que lhe causa repulsa.

do Brasil com o retrato de Machado de Assis feito por Marc Ferrez e *A Estação – Jornal Ilustrado para o quinzenal Família* (versão brasileira de *La Saison*), que a partir de 1879 foi veículo de diversos textos de Machado de Assis como “O alienista” e o romance *Quincas Borba*. A reforma de Pereira Passos destruiu o prédio da Lombaerts, “ponto a que [Machado de Assis] ia diariamente” (OCTAVIO, 1936, p. 61) e “o centro da vida literária da cidade, local de reunião de Machado de Assis com seus amigos mais chegados” (MACHADO, 2012, p. 108).¹⁸

A Rua dos Ourives aparece com destaque em vários momentos da obra de Machado de Assis,¹⁹ mas vamos ater a duas que se relacionam com um tema que é central – ainda que latente – em “Pai contra mãe”: a justiça. Depois de uma seção como jurado no Aljube, descendo a rua dos Ourives na direção oposta à de Cândido e Arminda, um amigo do narrador do cáustico conto “Suje-se Gordo!” (*Relíquias da casa velha*; MACHADO DE ASSIS, 1906, p. 81-86) reflete sobre a curiosa expressão do título, dita por um colega indignado com a quantia pífia que o réu penitente roubara com uma falsificação em 1863. Em *Quincas Borba* a mesma rua serve como palco agora para a justiça como performance pública. Rubião está na esquina com a Rua do Ouvidor quando

deteve-o um ajuntamento de pessoas, e um préstito singular. Um homem, judicialmente trajado, lia em voz alta um papel, a sentença. Havia mais o juiz, um padre, soldados, curiosos. Mas, as principais figuras eram dois pretos. Um deles, mediano, magro, tinha as mãos atadas, os olhos baixos, a cor fula, e levava uma corda enlaçada no pescoço; as pontas do barão iam nas mãos de outro preto. Este outro olhava para a frente e tinha a cor fixa e retinta. Sustentava com galhardia a curiosidade pública. Lido o papel, o préstito seguiu pela rua dos Ourives adiante; vinha do Aljube e ia para o largo do Moura. (MACHADO DE ASSIS, 1891, p. 94-5).

Mais uma vez na direção oposta à de Cândido e Arminda, Rubião segue o cortejo solene que leva o assassino condenado ao enforcamento e assiste à execução sem “entender que bicho era que lhe mordida as entranhas, nem que mãos de ferro lhe pegavam da alma e a retinham ali” (MACHADO DE ASSIS, 1891, p. 96-97).

Em “Suje-se gordo!” e na passagem de *Quincas Borba*, a justiça é uma performance perturbadora, tanto no palco do tribunal como no palco das ruas da cidade, despertando pulsões que vão muito além da racionalidade instrumental que ela ostenta. Em “Pai contra mãe”, a justiça escravocrata é ampla rede de usos e costumes sancionados que garante acolhimento e apoio ao agente Cândido

20. *O conto de Machado de Assis* (1980) foi organizada por Sônia Brayner e *Melhores Contos* (1984) foi organizada por Domício Proença Filho. Curiosamente o erro surge na antologia de Proença Filho a partir da sua nona edição. Lewis aponta inclusive um fenômeno curioso: a aparição da cedilha em material de estudo para o vestibular ou o exame do Enem que atribuem como fontes antologias como a *50 contos de Machado de Assis* ou *Os cem melhores contos brasileiros* e até no apêndice do roteiro de *Quanto vale ou é por quilo?*. O excelente artigo de Lewis examina também traduções para o alemão e russo.
21. A cedilha que viola o texto em lance digno de um tipógrafo do calibre de Cândido (mas não de um Machado de Assis) se prolifera até em traduções importantes como a de Helen Caldwell de 1963 – única disponível em língua inglesa até 2008 – que traduz *acoutar/acoitar* como *beat*.

e criminaliza qualquer ajuda a Arminda – o prólogo do conto dá a fiel descrição dos anúncios que terminavam prometendo “todo o rigor da lei contra quem [...] acoutasse” (4) um escravo fugido. Nesse sentido o crítico norte-americano Christopher Lewis nos aponta uma ironia bastante significativa: duas antologias brasileiras que incluem “Pai contra mãe”²⁰ adicionam um cedilha e transformam o verbo *acoutar/acoitar* (que significa dar abrigo/amparo) em *açoutar/açoitar*. A modificação trai o sentido do texto radicalmente, transformando a cruel ameaça legal contra a solidariedade aos fugidos em abrandada proteção à propriedade dos senhores de escravos.²¹ No mundo cruel de “Pai contra mãe” a opção é sempre a mesma: de acordo com a lei do estado liberal e escravista é permitido *açoitar* o escravo e proibido *acoitar* o fugitivo. Ironicamente a violência ao texto tem a forma do cedilha que nos remete à cicatriz e ao chicote que sobreviveram à abolição e à república, como deixou claro a Revolta da Chibata de 1910.

Da rua dos Ourives chegamos à Rua da Alfândega – assim chamada a partir da chegada de comerciantes estrangeiros no Rio de Janeiro com a abertura dos portos. Ali a luta entre Cândido e Arminda se intensifica: “Na esquina desta a luta cresceu; a escrava pôs os pés à parede, recuou com grande esforço, inutilmente. O que

alcançou foi, apesar de ser a casa próxima, gastar mais tempo em lá chegar do que deveria.” Além do movimento comercial e financeiro intenso, a rua da Alfândega é marcada por duas igrejas significativas do poder das irmandades no catolicismo brasileiro. Não sabemos que direção Cândido e Arminda tomam na rua da Alfândega. A partir da rua dos Ourives se tivessem virado a rua da Alfândega à esquerda, estariam os dois indo em direção à igreja de Santo Elesbão (protetor dos navegantes) e Santa Ifigênia (santa da predileção dos pretos), inaugurada em 1754 pela irmandade formada 14 anos antes por pessoas oriundas da Costa da Mina, Cabo Verde, Ilha de S. Thomé e de Moçambique. Se tivessem tomado a direção oposta, à direita, caminhariam os dois na direção de outra igreja, dedicada a uma figura indissociável da figura da maternidade: Nossa Senhora Mãe dos Homens. Sabemos que o destino de grávida fugitiva – note-se que ainda não estamos no conto nos tempos da Lei do Ventre Livre – não é nenhum desses dois possíveis santuários (um ligado à identidade africana e o outro à maternidade), mas sim a casa do seu proprietário, onde ela perde seu filho precocemente num aborto involuntário – o mesmo Christopher Lewis nos fala da aula de Nicolau Sevcenko onde este sugeria que “Pai contra mãe” seria uma espécie de inversão de um Conto de Natal: momento em que o

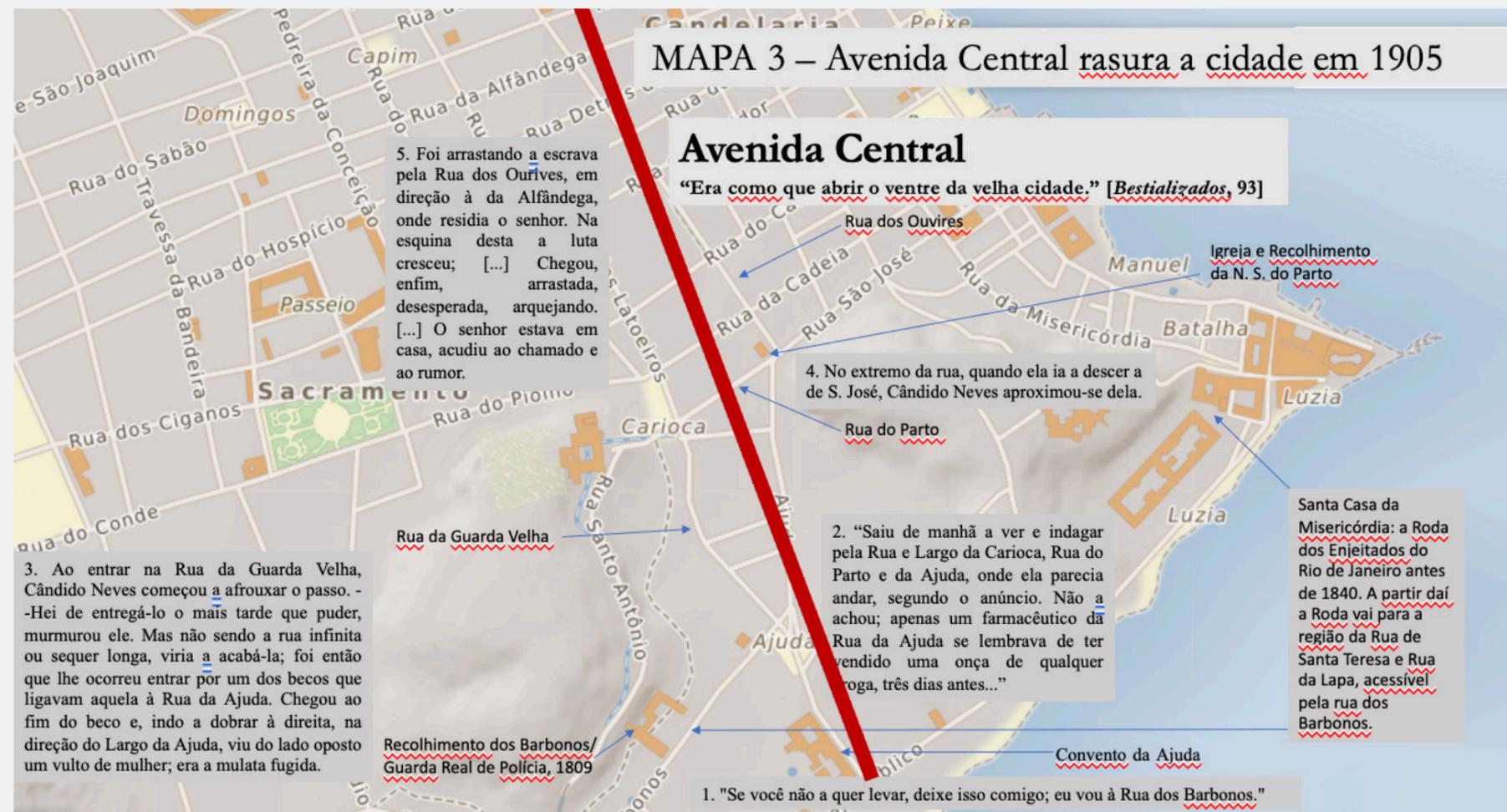
em volta do périplo final, uma constelação de instituições de controle social de dois tipos. De um lado temos aquelas relacionadas à repressão: uma guarda velha ao lado do fornecimento de água, um quartel novo e um tribunal funcionando em conjunto com uma prisão (aljube). Do outro lado, aquelas relacionadas à assistência social: a Roda dos Enjeitados, dois conventos (dos franciscanos e das mulheres da elite), uma casa de acolhimento de mulheres “perdidas” e igrejas construídas por irmandades de pretos, pardos e brancos em nome dos seus santos de predileção. Essa dupla constelação de controle laico e religioso de corpos e mentes no Rio de Janeiro cerca em silêncio e na mais completa indiferença a batalha desesperada de pai contra mãe no final do conto. A trágica luta de Arminda pela sua liberdade e a do seu futuro filho está cercada também de uma rede completa de manifestações simbólicas da maternidade e da paternidade católicas: São José, a Virgem da concepção, da ajuda/gravidez²² e do parto; a Mãe dos Homens e a Senhora da Boa Morte. Essas constelações silenciosas de controle concreto e simbólico contornam o embate entre pai e mãe desesperados nas ruas da cidade.

Outro aspecto fundamental da relação de referências de “Pai contra mãe” precisa ser explorado. O conto de

1906 reinscreve no papel a cidade colonial/imperial (o Rio de Janeiro onde Machado de Assis cresceu e viveu sua vida adulta) que o governo de Rodrigues Alves tinha acabado de rasurar violentamente. Ficava cada vez mais claro que as promessas de modernização da república desembocavam num pesadelo higienista de reforma urbana que deixou pelo menos 14 mil pessoas na cidade sem teto e tratou brutalmente uma multidão que João do Rio chamaria de “entulho humano” (Sevcenko 90). Um exame atento revela que o tratamento reservado a esse “entulho” durante a subsequente chamada Revolta da Vacina (prisões arbitrárias, humilhações públicas, espancamentos, mortes ou o banimento sumário para o Acre) se baseava nos modelos de controle da população de escravos revoltosos. Perambulando desesperados pelas ruas do Rio de Janeiro os fantasmas de Cândido, Arminda e seus filhos seriam clientes perfeitos (e compulsórios) do “imenso hospital” que era o Brasil republicano. Acabariam recolhidos pela polícia no quartel da Rua dos Barbonos e de lá enviados para a Ilha das Cobras, de onde poderiam ser banidos para o recém fundado Acre como aconteceu com os populares envolvidos nos distúrbios que sacudiram o centro da cidade.²³

22. Nossa Senhora da Ajuda, devoção especificamente portuguesa, é uma imagem da Virgem grávida, a conhecida Nossa Senhora do Ó, por causa da barriga proeminente.

23. Num exercício bem mais ousado, o filme de Sérgio Bianchi *Quanto vale ou é por quilo?* reimagina a história de Arminda e Cândido no século XXI.



Rasurou-se a cidade colonial/imperial para que dela saísse “o Rio maravilhoso dos tangos, da Avenida e das melindrosas”. Nesses termos explicava a revista *Fon Fon* o que havia acontecido ao se permitir a um exercício de nostalgia no dia 29 de janeiro do ano do centenário da

independência em 1922. Nesse contexto Machado de Assis reescreve o Rio de Janeiro escravista e monarquista, ressuscitando no papel como uma das suas relíquias de casa velha (nome do livro que abrigou o conto) os fantasmas que ainda assombram a cidade. Um texto rasurado

para que no papel se escreva um novo por cima é a definição de dicionário de um palimpsesto. Mas há que se considerar que um palimpsesto é apenas um papel como outro qualquer até que alguém faça nele um exame mais atento e nos revele nele traços – mesmo que fragmentos ilegíveis – do antigo texto apagado. É o que fez Machado de Assis em seu conto.

“Pai contra mãe” revela a condição da cidade do Rio de Janeiro de palimpsesto, e vai mais além, tornando legíveis os velhos ofícios, aparelhos e instituições que de alguma forma sobreviveram ao fim da escravidão e da monarquia contra todas as esperanças republicanas. O conto de Machado de Assis é um ato de evocação cáustica do passado indesejado da cidade e do passado dos indesejáveis da cidade, um passado escravocrata que permanecia no presente higienista de Machado de Assis no começo do século XX. Ao relembrar a violência e autoritarismo desse período de modernização conservadora (que é apenas mais um em uma sequência que vai desde a fundação da cidade, passando pela chegada da família real em 1808 até as reformas para a realização das Jogos Olímpicos de 2016), Nicolau Sevcenko chamou a atenção para o fato de que

Há no ato da evocação um desejo implícito de revogar os gestos consumados e potencializar as oportunidades perdidas, as

experiências reprimidas, as decisões contidas. Um desejo de arrastar o futuro para o passado e de saturar esse mesmo futuro com as frustrações acumuladas no tempo. (SEVCENKO, 2010, p. 119)

“Pai contra mãe” faz justamente esse tipo de evocação, reinscrevendo em 1906 a cidade da escravidão que a República preferiu sublimar quando substituiu o nome Guarda Velha por um comemorativo 13 de maio e erradicar quando promove planos autoritários de reformas urbanas e sanitárias chamados de Regeneração ou *Bota-Abaixo*. A Avenida Central foi vista como resposta brasileira à Avenida de Mayo de Buenos Aires numa disputa pelo título de grande marco modernizador do urbanismo à moda da Paris do Barão Haussmann na América do Sul. A construção da Avenida Central “era como que abrir o ventre da velha cidade” (CARVALHO, 1987, p. 93), passando o trator por cima da rua da Guarda Velha (já renomeada de 13 de maio), da rua e do largo da Ajuda, da rua São José, da Igreja e Recolhimento da N. S. do Parto e da rua dos Ourives, deixando praticamente irreconhecível todo o trajeto descrito no conto. O centro do Rio de Janeiro ainda seria rasgado muitas outras vezes, como na retirada do Morro do Castelo (1920-2) e na destruição da região da Praça Onze para a construção da Avenida Getúlio Vargas (1944), sempre inspirando-se

naquela justiça perversa que legitima a crueldade egoísta e criminaliza o acoito dos despossuídos.

No romance *Requiem for a Nun* de William Faulkner, há um diálogo entre Temple Drake e Gavin Stevens no qual a protagonista tenta renegar seu passado traumático dizendo “Temple Drake is dead” (FAULKNER, 2011, p. 73). Seu interlocutor, Gavin Stevens responde com o que se tornou uma das mais citadas passagens do autor estadunidense: “The past is never dead. It’s not even past”. Atribuído ao autor (não ao personagem), a frase já apareceu em várias versões levemente modificadas na boca de políticos como Obama e de personagens de Woody Allen. O passado nunca morre; ele sequer passa. Processamos o passado continuamente nas histórias que contamos, momentos de reconhecimento dessa continuidade do passado traumático no presente. Ao mesmo tempo que dolorosos, esses são momentos ambíguos de dupla afirmação: reconhecem a existência de uma crise violenta e destrutiva, por certo, mas também afirmam a nossa sobrevivência a essas crises – se estamos aqui contando uma história é sinal que sobrevivemos a ela. Tendo ao fundo a cantilena hipócrita do senso comum que sai da boca da oportunista e cruel Tia Mônica, condenando Arminda “por causa do aborto, além da fuga”, Cândido tem em “Pai contra mãe” a última palavra, que

não é sequer um pensamento, mas algo que “bate-lhe o coração”: “nem todas as crianças vingam”.

A passagem é particularmente desafiadora para os tradutores do conto. Como traduzir a expressão “bateu-lhe o coração” e o verbo “vingar” nesse contexto? É difícil encontrar, por exemplo, na língua inglesa um verbo que signifique simultaneamente “desagrar-se” e “chegar à maturidade; resistir vivo; crescer” como faz o verbo *vingar* em português.²⁴ Três das quatro versões para o inglês buscam num caso especial do verbo “make” (seguido pelo que é para nós falantes de português um algo enigmático “it”) que significa “chegar ao destino”, mas ainda carregando o primeiro significado de fazer ou produzir algo. Num lance de rara beleza, Machado de Assis encontra no português um verbo que combina em si duas buscas: a busca pela sobrevivência e a busca pela justiça – Cândido se conforma em naturalizar o fato de que ambas as buscas são negadas à prole de Arminda. Igualmente difícil é traduzir “bateu-lhe o coração”, que condensa em um só bater (pela adição sagaz do pronome “lhe”) o ato constativo da comunicação (que três das traduções para o inglês trazem com os verbos “dizer”; “contar” e o substantivo “palavras”) e o ato performativo do som percutido (tão familiar num Brasil em que os tambores nos falam desde sempre). Machado de Assis transforma a tal mensagem na marca de uma batida, de um golpe que o

24. Há quatro versões conhecidas em inglês. A primeira é de Helen Caldwell: “Not all babies have the luck to be born! Those were the words his heart beat out to him” (MACHADO DE ASSIS, 2006, p. 96). Depois vem, John Gledson que prefere “Not all children make it, said his beating heart” (MACHADO DE ASSIS, 2008, p. 270). John Charles Chasteen traduz a mesma passagem desta maneira: “Not all children are meant to make it, said his beating heart” (MACHADO DE ASSIS, 2013, p. 73). Margaret Jull Costa e Robin Patterson nos dão a mais nova versão “Not all children make it, his heart told him” (MACHADO DE ASSIS, 2018, p. 851).

coração (sede da emoção paterna) emite que fica aquém e além das palavras, como descreve David Jackson:

Here, [Machado de Assis] has reached a point beyond words, for there is a profound level of truth in *Cândido*'s self-serving motto. To be born, as to live, is a struggle, as the science of the day proclaimed; yet that is hardly the whole story. Grotesque and cruel acts, implicit in a social order that proclaims itself humane, also intervene beyond ethics, and *Cândido* invokes them with a blindness and self-interest protected by the social order and contentment in the sacrifice of the weakest. (JACKSON, 2015, p. 147-148).

Atingir um ponto além das palavras pode ser atingir um referencial de onde a ferida aberta da história possa falar. O estatuto de palimpsesto precisa ser desvelado por um movimento, por uma brusca mudança de referencial, de uma queda que pode ser como a de Arminda “levada do medo e da dor” no corredor da casa do seu Senhor, abortando seu filho ali no chão e que pode ser como a queda do cedilha que, contra tudo e todos, transforma açoitar em acoitar. É nesse sentido – da brusca queda no real – que o ventre aberto da cidade e a subsequente explosão da Revolta da Vacina em 1904 possibilita a escritura de “Pai contra mãe”. É nesse ponto de queda que literatura e psicanálise se aproximam:

a literatura, como a psicanálise, se interessa pela complexa relação entre o conhecimento e o não-conhecimento. E é nesse ponto específico onde o conhecimento e o não-conhecimento intersectam que a linguagem da literatura e a linguagem da teoria psicanalítica sobre a experiência traumática especificamente se encontram (CARUTH, 1996, p. 3 – tradução minha).²⁵

Revelando a condição de palimpsesto da cidade do Rio de Janeiro no texto, recuperando práticas e discursos convenientemente esquecidos para serem assim perpetuados, afirmando a impossibilidade de rasurar completamente o passado traumático, aproveitando o ventre aberto pela Avenida Central e a explosão de violência da Revolta da Vacina, “Pai contra mãe” desenterra e esclarece a mais profunda “causa secreta” da cidade: a permanência da crueldade colonial no Brasil independente.

Através da nossa viagem por esse intrincado palimpsesto urbano, “Pai contra mãe” também forma uma constelação com outros textos de Machado de Assis que compartilham os mesmos espaços urbanos: “A causa secreta” (sobre a natureza do mal), “Suje-se gordo!” (sobre a questão do julgamento e da corrupção), “A cartomante” (sobre a questão da ilusória crença no pensamento fantástico), “Capitão Mendonça” (sobre a ciência, as idealizações da mulher e

25. No original em inglês, “[...] literature, like psychoanalysis, is interested in the complex relation between knowing and not knowing. And it is at the specific point at which knowing and not knowing intersect that the language of literature and the language of the psychanalytic theory of traumatic experience precisely meet”.

sobre os sonhos) e ainda trechos do romance *Quincas Borba* (que de certa forma acolhe todas essas questões).

O pacto de silêncio que adiciona cedilhas sobre “os ofícios e os aparelhos” da escravidão permitiram a sobrevivência modificada destes e a persistência da causa secreta que mobiliza a cidade até o século XXI. Em 2018, não muito distante de onde se desenrola a ação de “Pai contra mãe” no cosmos criado pela literatura de Machado de Assis, na Rua

dos Inválidos, a vereadora Marielle Franco e o motorista Anderson Gomes foram assassinados brutalmente num crime relacionado com a velha nova ordem das milícias na cidade e no país. O trauma emite um grito de dor que também reafirma sobrevivências: Marielle Franco estava ali porque participava de um encontro na *Casa das Pretas* – uma organização criada em 1994 para dar apoio, abrigo, guarida e amparo às bisnetas e tataranetas da Arminda de Machado de Assis no Rio de Janeiro do século XXI.



REFERÊNCIAS

ABREU, Marcelo de Paiva; LAGO, Luiz Aranha Correa do. 2010. A economia brasileira no Império, 1822-1889. In: ABREU, Marcelo de Paiva (Org.). **A ordem do progresso: Dois séculos de política econômica no Brasil**. Rio de Janeiro: GEN Atlas, 2010. p. 1-28.

AZEVEDO, Manuel Duarte Moreira de. **O Rio de Janeiro, sua história, monumentos, homens notáveis, usos e curiosidades**. Rio de Janeiro: Garnier, 1877.

BENAIM, Eduardo; BIANCHI, Sérgio; CANNITO, Newton. **Quanto vale ou é por quilo?** São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.

BIANCHI, Sérgio (diretor). **Quanto vale ou é por quilo?** Agravo Produções Cinematográficas/Riofilme, 2005.

BIBLIOTECA Digital de Literatura de Países Lusófonos. Disponível em: < https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/busca/simples/?termo=%22machado+de+assis%22&forma_busca=2 >. Acesso em: 1 jul. 2021.

BRUNE, Krista. **Creative Transformations – Travels and Translations of Brazil in the Americas**. New York: SUNY Press, 2020.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados – O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARUTH, Cathy. **Unclaimed Experience – Trauma, Narrative and History**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996.

COLEÇÃO Digital Machado de Assis. Disponível em: < <http://machado.mec.gov.br/> >. Acesso em: 1 jul. 2021.

COSTA LIMA, Luiz. **Pensando no Trópico**. São Paulo: Rocco, 1991.

FAULKNER, William. **Requiem for a Nun**. New York: Vintage, 2011.

GONÇALVES, Aureliano Restier. **Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro – Terras e Fatos**. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro, 2004.

GUIMARÃES FILHO, Alphonsus de. Belmiro Braga e o ídolo Machado de Assis. **Revista Brasileira de Cultura**, ano 6, n. 20, p. 21-26, abril/junho 1974.

IMAGINE RIO: An Illustrated Diachronic Atlas of Rio de Janeiro's Social and Urban Evolution. Disponível em: < <https://hrc.rice.edu/imaginerio> >. Acesso em: 1 jul. 2021.

JACKSON, K. David. **Machado de Assis – A Literary Life**. New Haven: Yale University Press, 2015.

LEWIS, Christopher T. To Beat or to Abet in Machado de Assis's 'Pai contra mãe': Text in Superposition. **Machado de Assis em Linha**, São Paulo, v. 11, n. 24, p. 94-115, agosto 2018.

MACEDO, Manuel Antônio de. **Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro**. Brasília: Senado Federal, 2005.

MACHADO, Ubiratan. **História das livrarias cariocas**. São Paulo: EDUSP, 2012.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **A Chapter of Hats**. Translated by John Gledson. London: Bloomsbury, 2008.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **A Semana**. Rio de Janeiro: Gazeta de Notícias, 1892. Disponível em: < <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=28393> >. Acesso: em 1 jul. 2021.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Esaú e Jacó**. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1994.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Father versus Mother. Translated by Helen Caldwell. In: **The Oxford Anthology of the Brazilian Short Story**. Edited by K. David Jackson. London: Oxford University Press, 2006. p. 89-96.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2012.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. O capitão Mendonça. **Jornal das Famílias**, 1870. Disponível em: < <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=6369> >. Acesso em: 1 jul. 2021.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. Quem não quer ser lobo... **Jornal das Famílias**, abril de 1872. Disponível em: < <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=152438> >. Acesso em: 1 jul. 2021.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Quincas Borba**. Rio de Janeiro: Garnier, 1891.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Relíquias da casa velha**. Rio de Janeiro: Garnier, 1906.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Várias histórias**. Rio de Janeiro: Laemmert & Co., 1896.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **The Collected Stories of Machado de Assis**. Translated by Margaret Jull Costa e Robin Patterson. New York: Liveright Publishing Company, 2018.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **The Alienist and Other Stories of Nineteenth Century Brazil**. Translated by John Charles Chasteen. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2013.

MOREIRA, Paulo. Machado de Assis and the Secret Heart of Literature. In: LAMONTE, Aidoo; SILVA, Daniel F. (Eds.). **Emerging Dialogues on Machado de Assis**. New York: Palgrave McMillan, 2016. p. 223-238.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral do. **A sorte dos enjeitados**. O combate ao infanticídio e a institucionalização da assistência às crianças abandonadas no Recife (1789-1832). 2006. 305 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

OCTAVIO, Rodrigo. **Minhas memórias dos outros**. Rio de Janeiro: José Lympio, 1936.

RISSATO, Felipe Pereira. Iconografia fotográfica de Machado de Assis. **Revista Brasileira**, v. 5, n. 89, p. 81-122, 2016.

SEVCENKO, Nicolau. **A revolta da vacina**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

TURAZZI, Maria Inez. A “criatura” e o “espelho” – O retrato de Machado de Assis por Marc Ferrez. **Aletria**, v. 2, n. 24, p. 13-29, maio-agosto 2014.

Recebido em: 22-02-2021.

Aceito em: 07-07-2021.